

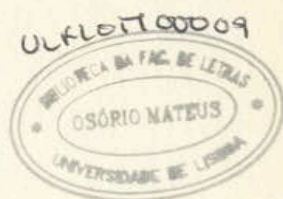
PRÍNCIPE BÃO

Fernando Augusto



Sociedade Portuguesa de Autores
Publicações Dom Quixote

FERNANDO AUGUSTO



PRÍNCIPE BÃO

peça em 2 actos,
o 1.º dividido em 10 cenas e o 2.º em 11

Prémio Baltazar Dias 95
(Câmara Municipal do Funchal)

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES / PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA

1997

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

Augusto, Fernando
Príncipe Bão
(Autores de língua portuguesa)
ISBN: 972-20-1365-3
CDU 821.134.3-2 "19"



Publicações Dom Quixote, Lda.

Avenida Cintura do Porto de Lisboa
Urbanização da Matinha, Lote A, 2.º C
1900 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© Fernando Augusto, Sociedade Portuguesa de Autores, 1996

Capa de Catarina Rebello sobre «D. Sebastião» de João Cutileiro
(Foto Estúdio M. Novais)

Revisão tipográfica: Eda Lyra
1.ª edição: Outubro de 1997
Depósito Legal n.º 114103/96
Pré-impressão: vítor manuel
Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

ISBN: 972-20-1365-3

PERSONAGENS

UM PAJEM

D. ALEIXO

DOIS FRADES

D. MARIA

PEDRO NUNES

CARDEAL

D. CATARINA

D. JOANA

AIA

TRÊS LAVADEIRAS

PADRE CÂMARA

D. PEDRO

BÃO

DOIS PAJENS DE BÃO

LUÍS DA SILVA

FREI FRANCISCO

MADALENA

TRÊS AIAS

DOIS FIDALGOS

CRISTÓVÃO DE TÁVORA

PREGOEIRO

TRÊS MULHERES

DOIS HOMENS

LOUCA

DOIS SOLDADOS

D. JORGE

D. JOÃO DE MASCARENHAS

MIGUEL DE MOURA

SEBASTIÃO DE RESENDE

FREI ALEXANDRE

FREI JORGE

FREI NUNO

FRADES, SOLDADOS

NO REINADO DE SEBASTIÃO

ACTO I

Entra el Conde de Aranda, con un criado, y el Conde de Castellar, con un criado.

CONDE DE ARANDA. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar? ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar? ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CONDE DE CASTELLAR. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CONDE DE ARANDA. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CONDE DE CASTELLAR. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CONDE DE ARANDA. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CONDE DE CASTELLAR. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CONDE DE ARANDA. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CONDE DE CASTELLAR. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CONDE DE ARANDA. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CONDE DE CASTELLAR. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CONDE DE ARANDA. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CONDE DE CASTELLAR. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CONDE DE ARANDA. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CONDE DE CASTELLAR. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CONDE DE ARANDA. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CONDE DE CASTELLAR. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CONDE DE ARANDA. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CONDE DE CASTELLAR. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CONDE DE ARANDA. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CONDE DE CASTELLAR. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CONDE DE ARANDA. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CONDE DE CASTELLAR. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CONDE DE ARANDA. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CONDE DE CASTELLAR. — ¿Qué noticias tienes de la familia de Castellar?

CENA I

Um trecho de música dolente, agoirenta. De preferência trompa. A luz abre sobre o palco em tonalidades amarelentas e pouco definidas.

No fundo, pode ser sobre o ciclorama, desce um pano enorme, adejante, tinto de sangue. Quando o pano chega ao chão, ouve-se um grito agudo de mulher. É D. Joana parindo Sebastião. A música sobe de tom e a luz deixa ver o conjunto de actores que estava na penumbra, prostrado. Ao fundo, à direita, dois cadeirões reais a que o pano tinto de sangue serve de fundo.

Pausa.

Os actores começam a levantar-se lentamente. Num estrado do lado esquerdo estão: — Dois Frades, D. Aleixo de Meneses, D. Maria, Pedro Nunes.

Num outro estrado mais baixo e mais junto da esquerda baixa está a Corte.

A música cessa.

Tempo.

PAJEM (*ao fundo, anunciando*): Sua Eminência, o Cardeal D. Henrique. (*Começa a ouvir-se um canto litúrgico, em latim.*)

D. HENRIQUE (*vem vestido com solenidade e caminha devagar. A sua expressão será de contentamento e ao mesmo tempo terá*

um laivo de cinismo. Vem do fundo direito, atravessa lenta e solenemente todo o palco, passa pelos outros personagens com a encenação das grandes pompas da Igreja e fica num plano mais alto, no fundo esquerdo.)

Um tempo.

PAJEM: Suas Majestades.

(D. Henrique inclina a cabeça. O grupo de actores faz a vénia protocolar. Os Reis fazem o percurso de D. Henrique e vão sentar-se nos cadeirões.)

Um tempo.

D. ALEIXO *(Desmarca-se e vai até junto do pajem.)*

PAJEM: Sua Alteza Real.

AIA *(tem ao colo o príncipe Sebastião, envolto num rico pano vermelho-cardeal e faz o percurso que os reis fizeram, seguida de D. Aleixo. Ao chegar junto dos Reis, ajoelha, descobre ligeiramente o príncipe e mostra-o aos soberanos e depois à corte. Um tempo. Levanta-se e D. Aleixo alinha-se a seu lado. Todos ficam de joelhos à excepção do Cardeal.)*

D. ALEIXO *(adiantando-se)*: É filho de Príncipe, neto de Rei. É um menino, chamar-se-á Sebastião e o seu destino é salvar Portugal.

CARDEAL: Eu te saúdo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!

TODOS: Ámen.

PEDRO NUNES: *(que se levanta, entretanto, e fica de pé no meio da Corte, iluminado em contraluz)*: As minhas contas astrológicas não apresentam bom cariz. Há uma asa negra pairando sobre o Reino e a cabeça deste Príncipe. *(A luz vai diminuindo durante a fala de Pedro Nunes.)*

CENA II

(Aposentos de D. Joana, mãe de Bão. Luz sobre a zona esquerda do palco.)

JOANA *(de cabelos caídos, alva camisa, bela e imponente, algo no seu olhar nos dá a impressão de cansaço, está sentada. A aia, penteia-a)*: Dizei, D. Aleixo...

D. ALEIXO *(afastado dela, respeitoso)*: Muito vos queria eu falar, Senhora...

JOANA *(rápida, sem grande atenção)*: Pois falai. Dizei prestes que tenho de me aprontar. A Rainha entendeu que era tempo de eu ser presente às recepções e audiências. Falai, pois.

D. ALEIXO *(olhando pouco à vontade para a Aia)*: Haveis de perdoar a minha impertinência, mas era meu gosto que me ouvísseis em privado.

JOANA *(encolhendo os ombros, contrafeita)*: Retirai-vos, Maria. Logo vos chamarei. *(Aia sai.)* Segredos tendes que a minha boa Aia não possa ouvir, D. Aleixo?

D. ALEIXO (*aproximando-se*): Não são segredos, Senhora. São sonhos. (*Pausa breve, agoirento*) Maus presságios, diria até.

JOANA (*levantando-se*): Ora, senhor... (*pausa em que o olha friamente. Depois, sibilina.*) Que novas intrigas se infiltram nas paredes deste paço? Que novas tragédias adivinhais no toc toc dos sapatos dos nobres, nos sussurros das damas galináceas, no roçar de saias e capotes pelas esquinas e corredores? – Sim, que vós bem sabeis quanto este Reino sobrevive, aguentando-se nos segredos que os Duques dizem às suas amantes, em suas alcovas, e as ditas aos padres, nos confessionários... (*sentando-se, de novo.*) Ora, D. Aleixo, a mediocridade não é o vosso forte. Por isso mesmo concordei em que fôsseis Aio de meu filho Bão...

D. ALEIXO (*sem a olhar*): Senhora, bem sabeis que muito em conta levei a real decisão de me entregarem Sua Alteza. Sempre servi a vosso sogro, como Deus é servido.

JOANA (*enfadada*): Ora D. João... É um bom homem mas os padres deram cabo dele. De tão aberto, se tornou seu cérebro em Hóstia e hoje não diz palavra que não tenha um latinório ou um cheirinho a água benta...

D. ALEIXO: Senhora... (*profunda vénia*).

JOANA (*caindo em si*): Desculpai, D. Aleixo, mas sabeis que assim é. (*Outro tom*). Dizei-me então.

D. ALEIXO (*a medo*): É o caso que... essas mulheres... essas que visitaram Sua Alteza Real logo após o nascimento... (*rápido.*) Almas do Mafarrico se me afiguram!

JOANA: As pobres lavadeiras que servem no Paço de Sintra e aqui vêm de vez em quando entregar novos bragais dos aposentos de Maria e da Rainha? – Ora D. Aleixo!

D. ALEIXO: Podeis dizer que estou a desarrazoar, mas é o que sinto.

JOANA: Ora Mulheres simples, a quem eu costumo dar algumas moedas quando vêm a Lisboa e que de alguma forma quiseram pagar o donativo. Pediram-me que as deixasse ver Bão e assim ordenei. Nem cinco minutos estiveram junto dele.

D. ALEIXO: Fiquei de pedra. Eram palavras do Inferno, tudo quanto diziam.

JOANA: Andais alterado...

D. ALEIXO: Andarei, senhora. Andarei mal da cabeça mas... muito prazer me faríeis se lhes não fosse mais autorizado ver o príncipe.

JOANA: Elas aí estão. Trouxeram trouxas e sacos da vila de Sintra. Deixai que o Povo veja o seu futuro Rei!

D. ALEIXO: Não deixeis, senhora.

JOANA: (*olhando-o sem perceber*): Não vos entendo... não entendo esses receios... (*outro tom.*) Assim se fará, D. Aleixo. Hoje o irão ver pela última vez.

(*Luz.*)

CENA III

(Pátio do paço, junto às cozinhas. Música de trompa. Aia está sentada com Bão ao colo. Três lavadeiras estão ao lado.)

1.^A LAVADEIRA: E como se chama ele? – Já mo disseram outro dia, mas não se me cravou na cabeça.

2.^A LAVADEIRA: Cabeça de velha.

1.^A LAVADEIRA: Pois sim, mas como se chama?

AIA: Sebastião. Bão para as gentes do paço.

3.^A LAVADEIRA *(fria como gelo)*: Bão!!!

AIA: Bão...

3.^A LAVADEIRA: Faz-me lembrar o vento. B...ã...o... Bã...o ...o.

2.^A LAVADEIRA *(também gelada)*: Bão.

1.^A LAVADEIRA *(igualmente)*: Bão!! – Faz-me lembrar os ventos da Serra, girando como loucos sem casa nem destino, pelos troncos velhos das árvores...